

# HOSPITAL PARA ARTE ENFÊRMA

EMILY E OLA D'AULAIRE

*Grandes obras de arte estão sujeitas a enormes forças destruidoras — entre as quais o tempo, o homem e as inundações. Os peritos do Instituto Central de Restauração, em Roma, trabalham dedicadamente para proteger um patrimônio insubstituível*

**N**O ANDAR térreo de um prédio de cinco andares em Roma, vestindo um avental de chumbo, um homem coloca cuidadosamente um quadro do século XVI numa mesa especial. Depois recua e liga o interruptor de um aparelho de raio X de 50.000 volts. Perto dali, uma grande *Madonna e o Menino* está sendo levada para uma câmara de gás. Por trás de uma porta fechada, ouve-se o zunido de uma poderosa serra: dois homens estão amputando as costas de um painel de madeira pintado, do século XV.

Um filme de Fellini? Não. Essas



ISTITUTO CENTRALE DEL RESTAURO

são cenas diárias no Instituto Central de Restauração, em Roma (Istituto Centrale del Restauro), onde homens e mulheres trabalham para manter tesouros artísticos em boas condições.

A Itália é um dos mais ricos repositórios de arte do mundo — heranças da antiga Roma, da Renascença, da Era Barrôca. Entre-

Na foto à esquerda, Santa Elizabeth da Hungria, durante a restauração. Embaixo, a mesma tela restaurada



tanto, até há pouco tempo os museus italianos não tinham outro recurso senão procurar restauradores particulares para trabalhos de limpeza e consertos. «Muitos dêstes», diz Pasquale Rotondi, diretor do Instituto, «não possuíam a perícia necessária e faziam mais mal do que bem.»

Os métodos antigos fazem os

atuais cientistas da restauração empalidecerem. Para limpar um quadro, alguns usavam um forte sabão negro; outros, urina ou saliva. Ou então as telas preciosas eram esfregadas sem piedade com cebolas cruas e maçãs verdes. Em vez de apenas retocar os estragos, a maioria dos antigos restauradores repintava pesadamente, seguindo suas próprias fantasias artísticas. Com freqüência, o resultado era um estrago permanente.

Um caso típico é a *Anunciação* de Caravaggio, quadro do comêço do século XVII. É uma antologia de erros passados. Devido a excesso de limpeza, as camadas superiores da pintura, como um tecido diáfano contendo a realização da visão do artista — seu uso dramático de luz e sombra — estão perdidas para sempre. Mesmo no Instituto, pouco pode ser feito para recuperar um «paciente» em estado tão grave.

Como as cicatrizes dos métodos empíricos não paravam de aumentar, finalmente, em 1939, o Ministério da Educação italiano criou o Instituto Central de Restauração, num antigo convento no centro de Roma. Com um orçamento de 25 milhões de liras por ano, êle cuida de tôda a herança artística nacional e restaura obras de arte de qualquer país que peça ajuda. Muitas nações têm laboratórios semelhantes. Em Bruxelas, por exemplo, existe o Institut Royal du Patrimoine Artistique, que faz muitos trabalhos na arte flamenga. O Louvre, em

*Da esquerda para a direita: Senhora com Unicórnio, de Rafael, sob raios ultravioleta, antes da restauração; o mesmo quadro, fotografado sob luzes especiais, a fim de verificar o estado das camadas de tinta sôbre a tela; o quadro restaurado; finalmente, a pintura descoberta pelos raios X: uma mulher de rosto envelhecido, com um cachorrinho em vez de um unicórnio. A tela restaurada e a chapa de raios X estão agora expostas na Galleria Borghese, em Roma*



Paris, o Doerner Institut, em Munique, o Rijksmuseum, em Amsterdã, e a National Gallery, em Londres, também têm laboratórios. Mas poucos são tão bem equipados ou reúnem sob o mesmo teto um quadro de tão variados especialistas — mais de 100 cientistas, técnicos, restauradores, historiadores de arte e professores — ou realizam um programa de treinamento tão extenso.

**Lascas de Tinta.** Obras de arte são objetos perecíveis que têm muitos inimigos, como a poluição, insetos, fungos, mofos, e até bactérias. Um dos mais mortíferos é a umidade, que faz os painéis de madeira dilatarem ou encolherem e apodrecerem as telas. E há outros agentes destruidores. Para uma exposição comemorativa de Dante, há cerca de seis anos, uma galeria de Liverpool enviou por via aérea para Roma um quadro de Henry Holiday, do século XIX, que representava o encontro de

Dante com Beatriz. Colocada num compartimento não pressurizado do avião, a tela encolheu tão drasticamente com as mudanças abruptas de pressão atmosférica que a tinta perdeu a aderência e começou a descascar. Quando o engradado foi aberto em Roma, só havia uma tela meio nua... e um monte de minúsculas lascas coloridas.

«O quadro veio logo para cá», recorda o Dr. Giovanni Urbani, diretor-assistente do Instituto. «Parecia irremediável. Mas nunca desesperamos com um caso.» Depois de meses de árduo trabalho, todas as lascas tinham sido reunidas, como um quebra-cabeça, e recoladas numa tela nova de maneira tão perfeita que nenhum defeito aparecia.

Remover séculos de manchas e antigas restaurações mal feitas é um dos maiores problemas do Instituto. Quando um quadro chega, vai para o departamento de fotografia, onde são feitas fotos em

os solventes podem ser perigosos», explicou Mora. «Mas, com uma cuidadosa análise de laboratório do pigmento, podemos escolher o solvente certo para cada trabalho, que remova os materiais adicionados sem danificar a pintura original.» Para a *Descida* êle estava usando dimetilformamida, um dos solventes normalmente usados na fabricação de orlon.

Agora só restava um pedacinho para limpar. Naquele trecho, a pintura era fôscas e sem vida. Mas na área já limpa, em contraste flagrante, vermelhos, azuis e tons da pele saltavam do quadro, brilhando com luz própria.

A tinta que estava estufando ou soltando-se tinha sido fixada com injeções de cola resinosa sob a superfície. Depois da limpeza, partes perdidas da superfície são preenchidas. Só então começa o trabalho de retoque. No de Rafael, faltavam muitas partes da pintura. Quando o retocador começou a preencher essas áreas, êle trabalhou escrupulosamente, dentro da norma do Instituto, num misto de honestidade e visibilidade. Combinava as côres com perfeição, mas, para impedir que o seu próprio trabalho fôsse tomado pelo original do artista, usava aquarelas em curtas pinceladas verticais, que davam um aspecto mecânico invisível à distância, mas óbvio de perto. Em seguida, foram aplicadas novas camadas de verniz. Todo o trabalho feito no Instituto pode ser facilmente removido. «Sempre man-

temos um olho no futuro», diz Mora.

«**Senhora com Unicórnio**». Revelações surpreendentes frequentemente se seguem à remoção de retoques antigos. Retratos mudam de sexo, corpos humanos são despidos, figuras aparecem e desaparecem mágicamente. No começo de 1930, em Roma, por exemplo, um restaurador particular começou a limpar um quadro anônimo intitulado *Santa Catarina*. Ao fazê-lo, a capa pudica da santa dissolveu-se nos seus ombros, descobrindo um grande decote e um pequeno unicórnio em seu colo. O quadro era um Rafael perdido havia muito tempo.

Êle, porém, encerrava ainda um segundo segredo. Quando o Instituto recebeu a tela, em 1959, para remover parte da desnecessária pintura do restaurador anterior, raios X revelaram que por baixo da *Senhora com Unicórnio* havia outra mulher, com o rosto enrugado, idoso, segurando um cão no colo. Talvez a pessoa tivesse querido alterar a sua imagem depois de ver a primeira tentativa de Rafael, talvez fôsem duas mulheres diferentes. Ninguém sabe. O Instituto permitiu que a senhora conservasse seu rosto jovem e o unicórnio, símbolo da castidade na época de Rafael. Mas o raio X denunciador aparece ao lado do original, na Galleria Borghese, em Roma.

O Instituto especializa-se em restaurar pinturas italianas, mas

tem também departamentos que se encarregam de escultura, cerâmica e bronzes antigos. Seus laboratórios estão sempre pesquisando melhores defesas contra os estragos em obras de arte. Entre os novos produtos usados está uma resina sintética chamada paralóide B-72, para consolidar a madeira e preservar a pedra contra os efeitos do tempo. Até recentemente, a única maneira de evitar a erosão de esculturas ao ar livre, sujeitas ao tempo e ao *smog*, era trazer as obras para dentro de casa, como o *David*, de Miguel Ângelo, em Florença. Entretanto, pulverizando as peças com paralóide — como no portal grandemente deteriorado

do Duomo de Siena — o Instituto tem conseguido deter a decomposição. Um problema com êsse tratamento é que seu efeito dura pouco; além disso, se fôr feito descuidadamente, torna a pedra desagradavelmente brilhante, de modo que os laboratórios estão pesquisando métodos melhores.

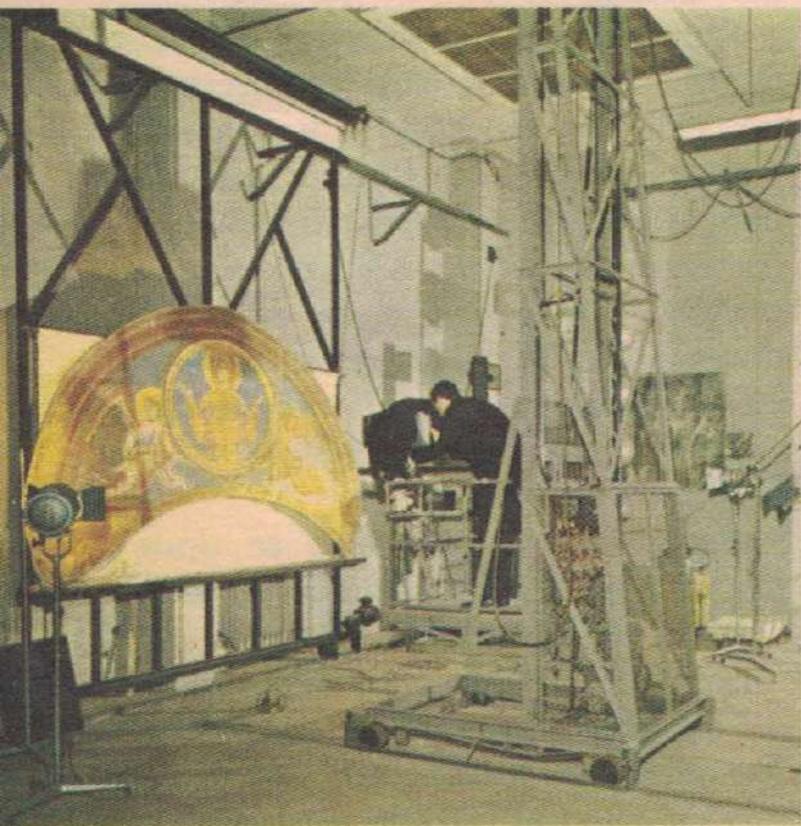
«É exatamente como a pesquisa médica», diz o diretor Rotondi. «É preciso experimentar constantemente.»

O Instituto mantém um curso de três anos, que recebe cêrca de 45 estudantes de todo o mundo. Não é exigida qualquer experiência anterior, só aptidão natural, verificada numa série de testes extenuantes durante 15 dias. A concorrência é dura. Em 1969, 60 candidatos disputaram seis vagas.

Com êsse programa, o Instituto serve o mundo. Susanne Herbst-Jensen, uma bonita dinamarquesa de 23 anos, foi estudar no Instituto porque acha que «hoje há na Dinamarca necessidade de restauradores treinados». Um jovem nigeriano fêz o curso especialmente para aprender sôbre bronze, de modo a poder aplicar seus conhecimentos na restauração e conservação da famosa escultura Benin, em seu país.

Outros são solicitados pelos museus do mundo. Jaime Cama, um diplomado mexicano, é agora diretor-assistente do Centro de Conservação Latino-Americano, na Cidade do México. B. O. Agrawal, um ex-aluno indiano, é diretor

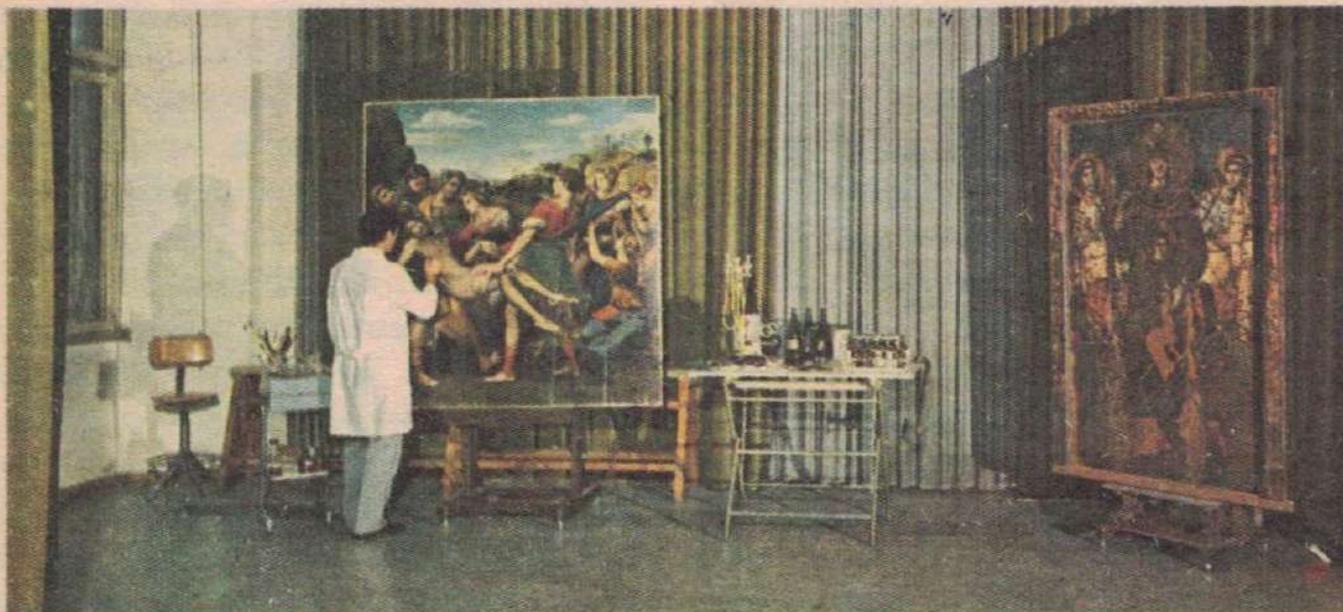
LUCAFERRI



*As difíceis e exatas técnicas de restauração exigem equipamento e laboratórios especiais de radiografia, fotografia, química, microbiologia e muitos outros*

*Um especialista dá os últimos retoques numa tela de Rafael, já restaurada*

LUCAFERRI



de pesquisa no Museu Nacional de Nova Déli, e Matthew Moss, da Irlanda, está criando um laboratório de restauração na National Gallery of Ireland, em Dublin. «Nós estamos em contato com o mundo», comenta o Dr. Urbani, «temos amigos em toda a parte onde viajamos.»

Além disso, o pessoal do Instituto está sempre pronto a levar suas habilidades especiais a terras distantes, atendendo a pedidos de ajuda. Com as despesas pagas geralmente pelo governo do país solicitante ou pela UNESCO, os especialistas do Instituto têm prestado auxílio aos murais pré-históricos do deserto da Líbia e aos monumentos maias nas selvas de Iucatã. Os restauradores já repararam as portas de bronze esculpido de Aya Sophya, em Istambul, e protegeram as pinturas nos túmulos de Abu Simbel, no Egito, quando os

templos foram transportados para longe do novo Lago Nasser, em Assuã.

Quando deparam com dificuldades, os museus mais importantes do exterior também têm apelado para o Instituto. No Louvre, quando os painéis de madeira sienenses e franceses do século XV começaram a rachar seriamente, os restauradores do Instituto foram chamados para consertá-los e depois fazerem um trabalho completo de limpeza e retoque.

**Fora das Águas.** Não se pode pensar em restauração, hoje, sem lembrar as inundações de 1966, em Florença, um dos piores desastres da história no campo das artes. No auge da inundação, dia 4 de novembro, um pedido de socorro chegou a Roma. Dois dias depois, uma equipe de 20 homens do Instituto instalava-se em Florença.

Compreendendo que uma tarefa

tão grande só podia ser realizada por milhares de mãos, o Instituto concentrou-se em dois projetos básicos. Na Limonaia, a estufa gigantesca dos Jardins Boboli, instalou um laboratório juntamente com o Istituto di Fisica Tecnica, da Universidade de Roma. Obras de arte seriamente danificadas recebiam aí os primeiros socorros. Criou-se um centro de suprimentos e, diariamente, o caminhão do Instituto trazia de Roma um carregamento de materiais para os restauradores e «remédios» necessários às obras danificadas: fôlhas de mata-borrão, resinas acrílicas, vernizes, colas e desumidificantes. Êsses materiais eram distribuídos por tôda a cidade, para serem usados onde fôssem necessários pelos restauradores e voluntários vindos de tôda a parte do mundo.

Enquanto isso, a própria equipe do Instituto concentrava-se nas avarias na Casa Buonarroti — dedicada à memória de um dos maiores

gênios artísticos da Itália, Miguel Ângelo. Os restauradores passaram semanas fazendo a limpeza. Cobriram as superfícies das telas encharcadas com papel-arroz japonês, para manter os pigmentos das tintas enquanto as telas sôltas secavam gradativamente e voltavam ao tamanho normal. Produtos químicos resistentes aos fungos foram aplicados.

No Instituto, observamos um estudante começar a trabalhar num pequeno quadro tão escurecido que não se percebiam côres nem formas na sua superfície. Ao lado dêle, estava outra vítima chegada em condições ainda piores. Esta já estava pronta e o manto de veludo do Salvador, pintado à maneira bizantina, mostrava-se novamente lustroso, os castanhos e dourados suaves, os detalhes claros. Era, evidentemente, um milagre, conseguido pela habilidade, a paciência e o amor dos restauradores que trabalham no Instituto.



ENFERMEIRAS de serviço em hospitais militares têm de ouvir muitas piadas dos doentes. Um dia, ouvi uma enfermeira pôr no seu lugar um pseudo Romeu, quando êle pediu um beijo de boa noite. «Espere até o faxineiro chegar», respondeu ela. «Êle é que faz o trabalho pesado.»

— L. F. G.



A LINDA ESTRADA pelos montes Apalaches — 3.260 quilômetros através de florestas e montanhas, desde o Maine até à Geórgia — não é um caminho fácil. Quando perguntaram a uma velhinha de 69 anos por que tinha percorrido a pé a estrada tôda pela segunda vez, ela respondeu: «Havia coisas que eu não consegui ver da primeira.»

— N. G. N.

# "Entre Aspas"

DEVEMOS acompanhar a mudança dos tempos, a não ser que sejamos bastante influentes para mudar os tempos. — G. C.

NÃO DEVEMOS esquecer que êste assunto de ecologia é uma faca de dois gumes. Uma certa dose de poluição no ar faz um pôr-de-sol muito mais colorido. — B. V.

EM MATÉRIA de compreensão da psicologia feminina, é difícil bater J. B. Priestley, que observou: «Ela não era bonita, mas poderia ter sido atraente se tivesse alguém que constantemente lhe dissesse que era bonita.» — S. J. H.

PARA ENTRETER algumas pessoas basta ouvi-las. — B. E.

AFOGAR os problemas num mar de informações não é o mesmo que resolvê-los. — R. E. B.

É ESTRANHO usarmos a expressão «Só se tem uma vida» como desculpa para desperdiçá-la. — B. C.

TUDO o que vem do coração traz o calor e a côr da sua origem. — Oliver Wendell Holmes

UM EXPERT é uma pessoa que não sabe tôdas as respostas, mas tem a certeza de que, se lhe derem dinheiro bastante, poderá encontrá-las. — R. F.

O ELOGIO é um meio de fazer o homem merecê-lo. — F. P. J.

OPOR-SE às idéias dominantes dos amigos, da maioria das pessoas que vemos todos os dias, talvez seja o mais difícil ato de heroísmo que possamos praticar. — T. H. W.

O HOMEM pode enganar tôdas as mulheres uma parte do tempo, e algumas mulheres todo o tempo, mas o que o aborrece é não poder enganar a mesma mulher da mesma maneira todo o tempo. — P. J.

NUNCA RESPONDA com uma palavra de raiva a uma palavra de raiva. É a segunda palavra que faz a briga. — W. A. N.